

FRONTEIRAS COMO INTERAÇÃO DE DIFERENÇAS E O MODELO TEÓRICO DAS INTERSECCIONALIDADES: REPENSANDO A CATEGORIA JUVENTUDE NOS DESLOCAMENTOS DE "BRASILEIROS" PARA PORTUGAL¹

Paula Christofolletti Togni²

RESUMO

A partir de uma etnografia multisituada realizada entre 2010 e 2013, cuja estratégia teórica metodológica foi acompanhar os trajetos e trajetórias de 26 sujeitos entre a cidade de Mantena, Minas Gerais, e o bairro do Cacém, localizado na região metropolitana de Lisboa, discuti a fronteira em sua dimensão política e territorial, expressada na etnografia por diferentes deslocamentos dos sujeitos em diferentes escalas, que incluem fronteiras internacionais (Brasil-Portugal). Porém, falar sobre fronteiras nesse artigo ultrapassa as dimensões espaciais e políticas. Ao acompanhar os trajetos e trajetórias dos sujeitos constatei que a fronteira ocupava um lugar importante nas suas experiências como um espaço de ação que possibilitava refletir sobre determinados dualismos: família/indivíduo, jovem/adulto; centro/periferia; liberdade/responsabilidade. Para tanto, recorro ao modelo teórico das interseccionalidades (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008; 2009; 2011; 2013) fazendo uma aproximação entre os estudos urbanos e sobre juventude e as teorias sobre o transnacionalismo (SCHILLER, 2012).

Palavras-chave: Interseccionalidade. Gênero. Fronteira. Jovens. Mobilidades Transnacionais.

¹**Nota dos organizadores:** Esse artigo é uma publicação póstuma do trabalho brilhante e inovador de Paula Togni a partir do texto que preparou para sua participação no SPG 07 Fronteiras: territórios, políticas e interculturalidade, na 38ª Reunião Anual da ANPOCS em 2014. Intervimos apenas em alguns detalhes de forma e de formatação. Esse artigo é derivado da sua tese de doutorado, cuja leitura recomendamos fortemente (ver Togni, 2014 na bibliografia do artigo). Com essa publicação honramos a sua memória e o seus valiosos aportes nos estudos de gênero, interseccionalidades, geração e mobilidades transnacionais. Por fim, agradecemos às orientadoras da Paula, as professoras Adriana Piscitelli e Antónia Pedrosa de Lima, pela revisão do texto, e a Gustavo Dias pela colaboração.

²Doutora pelo ISCTE/IUL.

ABSTRACT

Through a multi-sited ethnography conducted in Mantena-MG and in the civil parish of Cacém-Portugal between 2010 and 2013, this article attempts to unpack the concept of borders beyond political and geographical definitions. By tracking the paths and trajectories of 26 Brazilian migrants who circulate between these two countries, I explore how borders can also be understood through a more subjective perspective. My argument is corroborated by a conceptual framework drawn on an intersectionality approach (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008; 2009; 2011; 2013) along with urban and youth studies, and transnationalism (SCHILLER, 2012). Acting as a space of action, this paper shows that borders play an essential role in the personal migration journey of my interviewees. It allows them to speculate on certain dualisms such as family/individual, young/adult; center/periphery, and freedom / responsibility.

Keywords: Intersectionality. Gender. Border. Youngsters. Transnational Mobilities.

Introdução³

As reflexões deste artigo são resultado de uma etnografia multisituada realizada ao longo dos anos de 2010 a 2013, a partir de permanências alternadas entre o bairro do Cacém, em Portugal e a cidade de Mantena, Minas Gerais, Brasil. Ao longo desses anos percorri e/ou reconstruí os trajetos e trajetórias de 26 sujeitos envolvidos em deslocamentos transnacionais, levando em conta os seus contextos de origem e suas experiências anteriores de mobilidade.

O Cacém é um bairro periférico da região metropolitana da Grande Lisboa. A reputação de periferia do “bairro” está associada à distância das áreas mais centrais e igualmente por uma articulação entre cor da pele, classe social e local de moradia.⁴ O bairro faz parte de “um contexto residencial social e simbolicamente desvalorizado dotado de uma imagem pública negativa” (PINTO, GONÇALVES, 2000, p. 102), analisado em pesquisas sobre as políticas de habitação, segregação socioespacial e o surgimento dos bairros sociais em Portugal (PINTO, 1994; RODRIGUES, 1997).

Por sua vez, Mantena está localizada no leste de Minas Gerais, numa zona fronteira entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Da capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, a Mantena são aproximadamente 460 km de distância e de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, são 250 km. É considerada uma cidade de pequeno porte, com aproximadamente 27.000 habitantes, sendo que 6.000 vivem em áreas consideradas *rurais*. De acordo com dados do IBGE (2010), as principais atividades econômicas são a cafeicultura e a pecuária.

A cidade faz parte da mesorregião do Vale do Rio Doce na qual a cidade de Governador Valadares, designada por Machado como a “capital nacional da migração” (2009, p.171), tem sido o foco das

³A pesquisa em que se baseia este artigo foi realizada no âmbito do meu Doutorado “A Europa é o Cacém. Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal.” Bolsa Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) SFRH / BD / 61140 / 2009. Esta pesquisa estava integrada no projecto “O Cuidado como factor de sustentabilidade em contextos de crise”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Portugal) FCT PTDC/CS-ANT/117259/2010, Investigador Responsável: Antónia Pedroso de Lima.

⁴De acordo com os dados censitários de 2011, residiam no Cacém aproximadamente 21.289 pessoas, uma população semelhante à da cidade de origem dos sujeitos, Mantena, que possui cerca de 27.000 habitantes.

atenções de inúmeras pesquisas sociológicas e antropológicas (ASSIS, 1999, 2007, 2011; SIQUEIRA, 2009; MACHADO, 2009). A cidade desde a década de 1960, é associada a um fluxo intenso direcionado para os Estados Unidos, e, mais recentemente, para Portugal.

O objeto da etnografia não foi a cidade de Mantena, nem o Bairro do Cacém. Mas sim, as relações e experiências tecidas pelos sujeitos nesses espaços de vivência na origem e no destino. Aliás, proposta de acompanhar os trajetos transnacionais de sujeitos oriundos desta mesma cidade, que vivem no Cacém, levaram-me a dois contextos etnográficos específicos: a zona rural de Cachoeirinha de Itaúna e o Morro do Margoso⁵. Estes cenários são, conjuntamente, os locais de residência anteriores ao deslocamento entre fronteiras internacionais de Camila e Sheila e os espaços de vivência cotidiana nos contextos de origem da maioria dos sujeitos que fizeram parte da etnografia. Nas minhas permanências em Mantena, a etnografia teve como pontos de referência dois núcleos domésticos: as famílias de Sheila e Camila, locais onde vivi durante as permanências em Mantena. Dessa forma, a etnografia foi construída por meio de permanências alternadas no Cacém e em Mantena, fundamentalmente na zona rural de Cachoeirinha de Itaúna, a *roça* e no *Morro do Margoso*.

⁵Cachoeirinha de Itaúna possui 611 habitantes, é distrito do município de Barra de São Francisco (43.000 habitantes), uma cidade do estado do Espírito Santo. A distância entre Mantena e Barra de São Francisco é de 11 km. De Cachoeirinha de Itaúna a Mantena são aproximadamente 18 km de estrada de terra. O vilarejo possui uma escassa infraestrutura. Há uma escola pública (municipal), quatro igrejas (três delas são evangélicas) e duas mercearias. Existem dois bares, do Sr. Jovinho e o de Reinaldo, que se configuram como os únicos espaços de sociabilidade, locais onde os jovens (fundamentalmente, os rapazes) bebem e jogam sinuca. Durante as minhas permanências na zona rural percebi que eu era uma das poucas mulheres que frequentavam os espaços de sociabilidade pública: nos bares (bebia e jogava sinuca) ou para assistir aos domingos os jogos de futebol no campo. Estes espaços sociais são marcadamente masculinos. O *Morro*, conhecido também como bairro dos Operários emerge na etnografia para nomear o lugar de residência de Camila e outros sujeitos. O Margoso, derivado de amargo, é classificado como um lugar *perigoso*, cujo tráfico de drogas e os *assaltos* são recorrentes. Um lugar apontado como *violento*, onde o primo de Sheila foi assassinado à porta de casa com *sete tiros*. O bairro é estigmatizado em Mantena pela sua associação ao tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas das notícias recentes que vinculam o local à criminalidade.

Em janeiro de 2010 conheci Sheila, Camila e o Cacém. Foi através delas que conheci os outros sujeitos, todos oriundos de Cachoeirinha de Itaúna e do Morro do Margoso. Para além de serem oriundos da mesma cidade, chamou-me à atenção o fato destes serem residentes de áreas rurais ou de periferias de pequenos municípios; como também viverem em um mesmo bairro em Portugal. A maioria deles se autotransformavam como *pretos (as)* ou *morenos (as)*, possuíam baixa escolaridade – média do 8º ano para os rapazes e 11º ano para as meninas – e trabalhavam na construção civil e na área de limpeza. Outra particularidade do grupo que me despertou atenção foi o fato de ter se deslocado por fronteiras internacionais entre os 18 e 20 anos sem o acompanhamento de familiares adultos, ou seja, que suas experiências de mobilidade não se configuravam com o padrão de reagrupamento familiar (FONSECA, 2005), encontrado na maioria das pesquisas que relacionam as temáticas sobre juventude e migrações, mas também não poderiam ser consideradas migrações ancoradas em motivações exclusivamente individuais, uma vez que faziam parte também de estratégias de reprodução social da maioria de suas famílias.

Sheila e Camila, como a maioria dos sujeitos, consideravam que, no Brasil, pelo fato de *não gostar de estudar*, seria difícil realizar os seus desejos de melhoria de vida. Era preciso *ganhar um destino*. E no seu contexto de origem, uma das alternativas que são enxergadas como possibilidades concretas de mobilidade social, têm um duplo sentido semântico: a mobilidade geográfica é também pensada como social. Em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna existem fluxos de deslocamentos internos (Vitória, Belo Horizonte e Porto Velho) e internacionais (EUA e Portugal) tanto com temporalidades distintas como coexistentes. Portanto, a mobilidade, longe de ser algo excepcional, faz parte das experiências nas trajetórias de diferentes sujeitos, aqueles em movimento, ou enredados pelas mobilidades de familiares, amigos e vizinhos.

Contudo, uma das questões instigantes na etnografia era compreender de que modo a migração entre fronteiras internacionais se configurou em um determinado momento como uma alternativa possível para os sujeitos em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna. E por que a migração para grandes cidades brasileiras passou a não ser tão desejada? Pesquisas recentes, desenvolvidas com “jovens rurais” em outros contextos - ver por exemplo Pereira (2012) no Vale do Jequitinhonha,

Minas Gerais -, apontaram para a coexistência de fluxos de deslocamentos para as monoculturas de café e cana-de-açúcar no sudeste do Brasil e para o exterior, fundamentalmente EUA e Portugal.

Estas mobilidades – internas e ou internacionais – têm sido compreendidas pela maioria dos pesquisadores como estratégias intergeracionais de reprodução da família e/ou projetos individuais dos jovens em busca de “autonomia”, tal como demonstrou Menezes (2012), a partir dos deslocamentos de jovens do sertão do estado da Paraíba para São Paulo com a finalidade de trabalhar em usinas de cana-de-açúcar, ou o trabalho de Wanderley (2006), entre outros, que, da mesma forma, analisaram deslocamentos entre estados no interior do Brasil.

No caso específico de Mantena e Cachoeirinha de Itaúna observei a existência de redes sociais e de interconhecimento nos EUA e Portugal e a presença de agências de viagens na cidade que disponibilizam estes trajetos que podem ser enxergados como fatores importantes na escolha do destino da migração. No entanto, no que se refere às mobilidades internas, narrativas sobre o *perigo*, a *violência urbana* e um mercado de trabalho mais acirrado para quem tem pouca escolaridade são recorrentes e consideradas como as principais dificuldades para os sujeitos se estabelecerem nas grandes cidades brasileiras com melhores condições de vida.

Em Mantena, as migrações - internas e internacionais- tornam-se projetos possíveis por meio de técnicas e táticas viabilizadas pelas agências de viagens locais com o intuito de contornar os diversos mecanismos de regulação e contenção de fluxos (ONG, 1999; INDA, 2006) e, conjuntamente, através dos recursos financeiros da família, que disponibilizavam a *terra* como garantia de pagamento, com uma clara noção de “investimento”, uma estratégia de reprodução social familiar baseada no deslocamento dos/das filhos/as. Assim, sujeitos como Maicon, Sheila, Camila, Juliana, Jonas, Welington, Beto, Robson, Dalton, Jessica, Yan, Dora, entre tantos outros, moveram-se para Portugal entre os anos 2000 e 2007, providos de diferentes imaginários, expectativas e obrigações morais e familiares.

O cotidiano desses sujeitos era circunscrito na periferia: lugar onde moram, trabalham, têm suas atividades de lazer (festas, almoços, bailes funks, idas a discotecas brasileiras). Raramente vêm a Lisboa. De

acordo com Sheila, “o *Cacém é a sua casa e Lisboa parece outro mundo*”. Assim, as relações sociais cotidianas eram organizadas no Cacém e em Mantena, espaços considerados periféricos nos dois países: uma *periferia* localizada em um pequeno município “o morro do Margoso”, uma zona rural, “a roça”, uma *periferia* ou *bairro problemático* da região metropolitana de Lisboa. Dessa forma, são as experiências nesses espaços que revelaram conteúdos e significados atribuídos pelos sujeitos em deslocamento e pelos seus familiares às localidades - a elaboração de imagens sobre Portugal e o Brasil - a construção e ressignificação das diferenças bem como as possibilidades dos mesmos concretizarem seus projetos de mobilidade.

Aliás, opto por utilizar o termo *periferia*, justamente por ele remeter a um conjunto de estigmas sociais como a pobreza e a violência. O Cacém e o Morro do Margoso se configuram, dessa forma, como ambientes situados no tempo e espaço de cidades e devem ser analisados de forma relacional. Dessa forma, refletir sobre os deslocamentos e mobilidades desses sujeitos não se resumia a pensar em fluxos entre Estados Nação, mas sim, de localizações e contextos específicos na origem e no destino.

Mas como a “Europa” poderia ser o Cacém? Ou de que forma o sonho de *viver na Europa* poderia se concretizar no Cacém, na *periferia*? De que maneira o Cacém poderia ser o lugar de materialização do sonho de *melhorar de vida*⁶? A importância dos contextos espaciais em que as experiências de mobilidade são vivenciadas e onde a diferença é construída tornou-se, a partir do momento em que conheci os sujeitos, o Cacém e a cidade de Mantena, uma problemática fundamental.

Pensar sobre atravessar diferentes fronteiras, implicava refletir sobre escalas e relacionalidade. Somente assim, conseguiria compreender categorias nativas como *roça, periferia, cidade grande, morro*, etc,

⁶*Melhorar de vida* é o modo que os sujeitos dão significado, num primeiro momento, ao projeto de se deslocarem entre fronteiras nacionais (DURHAM, 1973) e internacionais (TOGNI, 2012) Todos os sujeitos desta etnografia falavam sobre *melhorar de vida* como o objetivo do deslocamento, que, quando alcançado, provocaria o retorno das pessoas para os seus contextos de origem. No entanto, os significados de *melhorar de vida* são vários, ainda que alguns sejam mais regulares nas narrativas dos sujeitos: comprar ou remodelar uma casa, abrir o próprio negócio, ajudar os familiares e comprar um carro e/ou uma moto. A noção de que se mover para outro lugar significa utilizar as oportunidades sociais e econômicas que não estão disponíveis localmente, aparecem nos discursos associados à melhoria de vida.

bem como compreender os sentidos de *melhorar de vida, aproveitar a vida* e os significados dos deslocamentos entre fronteiras internacionais nos locais de origem.

Ao costurar espaços, trajetórias e trajetos nos deslocamentos entre fronteiras internacionais dos sujeitos de Mantena, argumento que os contextos relacionais específicos na origem e no destino influenciam as experiências e a capacidade de ação dos sujeitos em mobilidade. Ainda que a “Europa” que os sujeitos conhecem seja encontrada em regiões periféricas e sua sociabilidade seja muitas vezes restrita a esses espaços, defendo que estes sujeitos experimentam diferentes mobilidades ao se deslocarem para Portugal, atravessando fronteiras não só territoriais como também nas suas relações sociais cotidianas.

Portanto, recorro à noção de fronteira, enquanto categoria analítica. Em primeiro lugar, porque a fronteira, como dimensão política e territorial, expressa diferentes deslocamentos dos sujeitos da etnografia em diferentes escalas: rurais-urbanos, intermunicipais, interestaduais e internacionais. Brasil - Portugal; Mantena - Cachoeirinha de Itaúna; Minas Gerais - Espírito Santo.

Porém, ao acompanhar os trajetos e trajetórias dos sujeitos, constatei que a fronteira ocupava um lugar importante também nas suas experiências. As fronteiras se configuravam como um espaço que permitia refletir sobre determinadas “oposições”, como por exemplo: negro/branco; liberdade/responsabilidade; família/indivíduo; jovem/adulto, urbano/rural, centro/periferia.

Dito de outra maneira, as fronteiras ultrapassam as relações entre fronteiras geográficas e incluem relações sociais. A fronteira, então, foi presumida como um espaço de ação (*agency*) por possibilitar deslocamentos situacionais a partir de novas interações. Ao mesmo tempo, a noção de fronteira que utilizo foi mobilizada por preservar o sentido de divisão, de demarcação e regulação de fluxos, e ao mesmo tempo, permitindo, conjuntamente, pensar as relações entre o que separa (FELTRAN, 2011).

1. Atravessando fronteiras: melhorar de vida e aproveitar a vida

Em um primeiro momento, o fato dos sujeitos fixarem-se em um determinado grupo etário – 18 a 25 anos –, classificados em grande parte da literatura sociológica e antropológica como “juventude” levou-me a ponderar se a idade seria a categoria determinante em seus projetos e/ou experiências migratórias, se configurando como o principal marcador social de diferença para a análise de suas trajetórias, juntamente com a nacionalidade, consequência do fato de terem se deslocado entre fronteiras internacionais, o que centralizaria a discussão da etnografia nas experiências de “jovens brasileiros migrantes” em Portugal.

Nesse sentido, a noção de “juventude” seria a principal categoria explicativa da etnografia, uma vez que o ponto de partida empírico acabou por privilegiar um determinado “grupo-etário”, que poderia ser entendido à luz da literatura socioantropológica em que a juventude aparece como uma “construção cultural” relativa a um determinado tempo e espaço.

Entretanto, ao longo da etnografia fui percebendo que *ser jovem* não se revelava como uma categoria fundamental de autoidentificação. Aliás, a definição de “jovem” foi outorgada por mim logo no primeiro contato com Sheila, pois o fato dela ter 23 anos e ter se deslocado para Portugal aos 18 anos foi determinante na decisão de reconstruir seu itinerário social e de mobilidade. Em vários momentos ouvi dos próprios sujeitos que era possível *ser jovem e adulto ao mesmo tempo*, onde o *ser jovem* significava mais um determinado estilo de vida e comportamentos específicos relacionados a determinadas práticas, definidos por eles como *jovens*, do que a determinadas categorias de idade; ao passo que *ser adulto* ligava-se à responsabilidade com o trabalho, à autonomia financeira e ao fato de estarem distantes de suas famílias.

A própria noção de transição para a vida adulta - normalmente vinculada às capacidades produtivas (inserção social, início da vida laboral) e reprodutivas (matrimônios, maternidade/paternidade e a constituição de família) - critérios usuais de definição e reconhecimento social da adulez (FEIXA, 1994, p. 27) e a idade como linha divisória entre a dependência e emancipação pareciam não servir para analisar os itinerários dos sujeitos desta etnografia, que

revelavam, em si, inúmeras descontinuidades. Determinar critérios para delimitar a “infância” e a “vida adulta” dos “jovens” de origem rural e de cidades de pequeno porte, membros de “classes baixas” se tornou o primeiro desafio.

Em algumas circunstâncias, na forma de classificar as pessoas os sujeitos utilizavam categorias que evocavam noções vinculadas à idade, mas que as ultrapassavam, na medida em que articulavam outras marcas de diferença. *Novinha* e *velho* são algumas delas. Geralmente essas noções serviam para fazer referência às pessoas cuja possibilidade de ter relações afetivo-sexuais fazia-se presente. Dora, por exemplo, ao contar-me sobre um rapaz que queria *ficar* com ela, exclama: “*Ah não, é muito velho... Tem 30 anos.*” Na altura, era essa a minha idade biológica. Perguntei se eu também era *velha* e ela respondeu-me: “*Você não! Mas ele é.*” Luma (15 anos), moradora do Morro do Margoso, ao relatar sobre *meninas que faziam programa com velhos em troca de presentes e roupas bonitas*, responde quando pergunto o que é um velho: “*para lá de 20 anos já é velho*”.

Por sua vez, o termo *novinha* faz referência a um tipo específico de *menina*, associado a um grupo etário - 12 a 17 anos - classificados como *menores de idade*, e, conjuntamente a determinadas formas de viver a sexualidade, a práticas corporais, estilos e expectativas nos relacionamentos. Os conteúdos simbólicos do termo *novinha* - meninas *safadas*, que transam em diferentes posições e que pedem para *gozar na cara*; interessadas em rapazes que têm carros, dinheiro para pagar bebidas, dar presentes e uma boa “reputação” nos bairros e comunidades - são reportados em várias músicas do *funk* carioca e, mais tarde, pelo sertanejo universitário e grupos de pagode que fazem referência a esse termo. Músicas estas que conheci durante a minha permanência no Cacém e em Mantena. *Novinha* (Mc Martinho); *Que isso novinha?* (Mc Sead); *Prisioneira - Mãos para o alto novinha* (Bonde do Tigrão); *Aquecendo com a novinha* (Mc Luan); *A Ex e a Novinha* (Latino); *Vai novinha* (Thiaguinho) são alguns exemplos. Algumas meninas também são Mc’s e se nomeam como “Mc Novinha” e “Mc Menorzinha”.

É importante notar que a construção da categoria *jovem*, em contraste com a categoria *velho*, foi também encontrada em outros contextos etnográficos. Bordonaro (2007), por exemplo, ao trabalhar com rapazes entre 12 e 20 anos, moradores de rua em Mindelo, Cabo

Verde, observou diferentes situações vivenciadas pelos mesmos em que a idade biológica, isoladamente, se tornava irrelevante para suas autodefinições. Ao utilizar o conceito de “*social shifter*” de Durham (2004), “um deslocar de uma posição para outra em um contexto que não é fixo, mas sim relacional”, percebeu que de diferentes formas “as pessoas traziam o conceito de jovem em diversas situações, situando-o na paisagem social de poder, na elaboração de direitos, expectativas e relacionamentos” (BORDONARO, 2007, p.23).

Compartilho com Bordonaro (2007) e Durham (2004), ao considerar que a experiência migratória na “juventude” não é um fenômeno meramente geracional na medida em que se articula com inúmeros outros marcadores de diferenciação social como classe social, nacionalidade, “raça” e sexualidade que, somente entretecidos com as categorias de idade, operam significativamente nas relações e experiências sociais.

Na pesquisa não era idade biológica, mas a noção de um estilo de vida “jovem”, representado por determinadas performances, corporalidades e valores que se vinculavam a outras marcas de diferença – nacionalidade, gênero e sexualidade - que eram acionadas no contexto dos deslocamentos entre fronteiras internacionais entre Mantena e o Cacém. Dessa forma, a noção de estilo tornou-se relevante à medida que “considera as formas de subjetividades e identidades como um esforço de articular interesses e expectativas de autoimagem pessoal e coletiva a determinados objetos, corpos e práticas” (SIMÕES, FRANÇA E MACEDO, 2010, p.48)

A noção de ser jovem também estava associada à ideia de uma “cidadania do consumo” e de acesso ao lazer. No Brasil, apesar da ampliação do mercado de bens materiais e simbólicos, a desigualdade provoca várias restrições no acesso a esses bens. A limitação de meios para participação efetiva no mercado de consumo - consequência da escassez de trabalho, baixos salários, pouca escolaridade –; a escassez de formas de lazer e a enorme separação espacial dos centros onde as atividades acontecem são vistos como limitações para vivenciar um estilo de vida considerado jovem.

Nesse sentido, o *aproveitar a vida* aparece como categoria êmica, para fazer referência às escolhas individuais dos sujeitos e à intensa vida social e de consumo no Cacém, contrapondo a uma escassa oferta de

locais de sociabilidade⁷ e privação econômica, vivenciadas nas localidades de origem. Dessa forma, para além das moradias, os locais de sociabilidade dos sujeitos se converteram em importantes cenários de observação da etnografia, o que revelou significativas diferenças nos perfis, acessos, circulação e frequência entre espaços de sociabilidade em Mantena e no Cacém.

A vida social em Mantena parece ser bastante limitada. Existe uma praça central onde pessoas de diversas idades se encontram à noite, principalmente nos fins-de-semana. Formam pequenos grupos, conversam, bebem e *paqueram*. Não existem discotecas e os eventos promovidos na cidade são escassos. A discoteca mais próxima é na cidade de Barra de São Francisco que se localiza a 14 km de Mantena. Portanto, para frequentarem esses espaços, para além de dispor de recursos financeiros, os sujeitos precisam de carros ou motos para se deslocarem. Talvez seja por isso que esses bens de mobilidade adquirem grande centralidade discursiva quando os sujeitos os associam diretamente ao *melhorar de vida*.

No entanto, o acesso e a circulação dos sujeitos que moram no Morro do Margoso aos locais de sociabilidade não se efetua da mesma forma. Em primeiro lugar, porque o bairro é estigmatizado pelo tráfico de drogas, por ser uma zona de ocupação ilegal e pela violência, sendo constante a presença da polícia. Muitos dos relatos policiais do município fazem referência ao local. “Mulher é roubada na escadaria do Bairro dos Operários em Mantena” (Portal Mantena, acessado em abril de 2011) e “Tentativa de homicídio no bairro Operário em Mantena” (Portal Mantena, acessado em janeiro de 2011) são algumas notícias recentes que vinculam o local à criminalidade. Shirley, prima de Sheila, diz que o morro tinha “*melhorado muito, porque foram presos os principais traficantes*”, apesar de seu primo ter sido assassinado há poucos meses em frente de casa.

A maioria dos sujeitos raramente sai do morro aos finais de semana: ficam nas ruas, ouvindo *funk*, ou nas casas, onde realizam algumas festas e churrascos. Os bares também estão sempre movimentados.

⁷Nos períodos em que estive em Mantena, um dos poucos eventos realizados foi produzido pela Igreja Católica, nomeadamente a Comunidade Canção Nova – Movimento católico carismático marcado pela presença constante de músicas católicas. Shows e “barraquinhas” concentravam um grande número de jovens na Praça Central.

Entretanto, o hábito de *sair fora do morro*, mais recorrente entre as meninas, têm sido motivo de conflitos e tensões com os rapazes. Em primeiro lugar porque os rapazes do morro são caracterizados como *pé rapados, moleques* e que *mexem com droga*. Grande parte dos jovens já havia tido experiências de encarceramento, como o irmão de Camila, Milton e o amigo Maicon. Os meninos que *fazem tretas* – tráfico de drogas e furtos – são considerados menos desejáveis pelas meninas do Morro do Margoso. Em contraposição, os *meninos ricos* (leia-se, do centro da cidade) são considerados os mais *bonitos, cheirosos* e *arrumados* e tornam-se, na fala de algumas meninas, uma das poucas possibilidades de *sair do morro*.

Valda (21 anos) vai além e reforça: “*porque a gente adolescente sempre sonha com uma vida de princesa, quer uma roupa cara, um sapato caro, eu quero um namorado bonitinho e quero estar na sociedade*”. Dessa forma, namorar ou casar com um *menino do morro* não se configura como uma escolha acertada. Da mesma forma, além de não *dar confiança para os caras do bairro*, é necessário diferenciar-se das meninas do morro que, segundo algumas, são *meninas baixas*, que usam *roupas curtas, falam palavrões e perdem a virgindade cedo*. Consideradas *metidas*, muitos dos moradores do morro reagiam dizendo que elas (as meninas que não se consideram do morro) iam *dar*⁸ na praça central da cidade ou eram *sapatões*⁹.

O estigma do morro e a diferença de classe nos relacionamentos afetivos sexuais também é relatado por Regina: “*a Camila teve um namorado de melhor situação financeira que ela, mas ela tinha vergonha de levar ele em casa. Ela mora num morro, num bairro periférico.*”

No entanto, essas narrativas são compartilhadas por meninas que frequentam as igrejas evangélicas/católicas e, portanto, adotam uma outra forma de vestir e se comportar, ou ainda por meninas que possuem um maior grau de escolaridade e trabalham no centro da cidade. Mantena possui 52 Igrejas, a maioria evangélicas, que se converteram em espaços importantes de sociabilidade.

Já na zona rural, Cachoeirinha de Itaúna, alguns sujeitos se sentem praticamente isolados. Desde o nosso primeiro encontro, Sheila

⁸Ter relações sexuais.

⁹Homossexual.

relatava “*que não queria morar na roça, onde não tinha nada para fazer*”. A casa da sua família fica a 3 km de Cachoeirinha de Itaúna, onde os bares e a quadra de futebol são os únicos espaços de sociabilidade. O número de homens parece ser superior ao de mulheres. Uma das principais reclamações dos rapazes é a *falta de mulher*. Tal fato é explicado por eles pelo maior número de meninas que deixam a zona rural, principalmente através do casamento com homens de outras localidades e de migrações internas para trabalho doméstico em regiões próximas.

Em Portugal, a vida social dos jovens é circunscrita em espaços considerados periféricos pelos portugueses e outros brasileiros imigrantes. Os principais locais de sociabilidade são os *cafés*, bares pequenos, discotecas brasileiras e festas nas residências. É visível a hierarquização étnica e de classe dos espaços frequentados por brasileiros. Na própria fala dos sujeitos, as discotecas brasileiras localizadas em Lisboa, como o *Cenoura do Rio*, *Cuba Libre* e o *Café da Ponte*, são classificadas como lugares distantes e *bons, que tem gente de classe*. Ao longo do tempo, com o aumento das redes de amizade e interconhecimento, a circulação de alguns sujeitos como Sheila, Camila, Juliana e Maicon se ampliou com a ida aos shows de bandas brasileiras e a algumas discotecas mais centrais. No entanto, para a maioria dos sujeitos, as linhas de Sintra e de Cascais se configuram como os principais espaços de circulação.

A sociabilidade dos jovens ganha centralidade na grande parte de suas narrativas, seja nos títulos dos álbuns de fotos compartilhados nas redes sociais (*Orkut* e mais recentemente *Facebook*) ou nas fotos *per si*. *Festinhas, churrasco na casa do Marcelo, eu fui ao show do Calypso, solzinho, praia e gelada*¹⁰ em Sesimbra são alguns exemplos de situações compartilhadas, nomeadas pelos sujeitos que permaneceram em Mantena como *aproveitar a vida*. Identifiquei que a Internet e, sobretudo, as redes sociais – *Orkut* e no final da etnografia o *Facebook* – operavam na forma como os jovens selecionavam informações para compartilhar no local de origem que remetem sobre suas experiências migratórias e servem para negociar seus *status* e o “sucesso” migratório. Tal constatação só foi possível pela minha permanência em seus locais de origem. Familiares, amigos e conhecidos dos jovens migrantes faziam referência ao *Orkut* como

¹⁰Cerveja.

principal mecanismo de obter “notícias” dos que estão fora. Shirley, prima de Camila, relata: “*Eu sempre entro no Orkut dela, vejo as fotos. Ela mudou o rosto, o jeito, está até mais bonita*”. O uso de sites de redes sociais pelos migrantes já tem sido analisado por pesquisadores que procuram estudar as redes transnacionais formadas pelos mesmos como um “lugar” onde o *status* é constantemente negociado (TOGNI, 2014; SCHROOTEN 2010).

O que os sujeitos tornam público é o aumento do padrão de consumo: roupas, sapatos, bebidas alcoólicas como Whisky e Red Bull¹¹; bens como carros e computadores e o acesso ao lazer e sociabilidades, como shows de bandas brasileiras, idas a praia e a discotecas. O consumo, entendido como uma forma de ação simbólica (GELL, 2010), serve como ferramenta de análise importante para entender como se dá a negociação do *status* dos jovens migrantes. O acesso a determinados bens de consumo – carros, motos, computadores, celulares de última geração e determinados estilos de roupas – são quantificados tanto no destino quanto na origem como *melhorar de vida*.

Aliás, os consumos (MILLER, 1987; 1997 e os estilos (ver HEBDIGE, 1979) têm sido imaginados e desejados de acordo com as escalas de valor no Brasil: músicas, roupas, corte de cabelo, danças, idas a discotecas e *shows*, etc. Por isso, a possibilidade de ir a *shows* de bandas brasileiras que se apresentam em Portugal, frequentar bares e discotecas e ter acesso a bens de consumo já representa um ganho simbólico importante.

Para além dessas mobilidades – acesso ao consumo, lazer e sociabilidade, - as mudanças nas relações de poder têm sido potencializadas pela interação com outros sujeitos no Cacém. Portanto, fazia-se necessária uma posição teórica que articulasse diferentes marcas de diferenciação que foram se anunciando como importantes nas narrativas e experiências dos sujeitos em processos de mobilidade. Pensar articuladamente estas diferentes dimensões e origens de diferenciação permitiu construir uma análise mais sofisticada, que

¹¹Várias músicas escutadas pelos rapazes e meninas fazem referência ao whisky e ao red bull, vinculado às pessoas que *têm condição*, e *estilo patrão*. Ver McDaleste; Mr. Catra (funk carioca) e Forró (Forró do Miúdo “Whisky, Red Bull, cerveja eita, mulher que tá lotado bebendo aqui na minha mesa”. Ou ainda a música “Red Label ou Ice”, da banda Aviões do Forró.

melhor descreve a complexidade das experiências de vida dos meus interlocutores nos seus trajetos de mobilidade.

Influenciada pelo debate feminista sobre o gênero nos espaços sociais transnacionais, onde conceitos como diferença, experiência e agência (*agency*) são centrais, utilizei o modelo teórico das interseccionalidades (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008) como a perspectiva teórica que permitiu repensar a maneira como a categoria “juventude” tem sido pensada nos deslocamentos entre fronteiras internacionais.

Uma das principais contribuições teóricas dessa perspectiva é o fato de pensar a diferença como experiência e a formação dos sujeitos enquanto processos localizados em diferentes contextos, reformulando a noção de agência e questionando as desigualdades de poder globais, nacionais e regionais Ong (1999), McClintock (2010), Brah (1996, 2006), Mahler e Pessar (2001) e Piscitelli (2008b, 2009, 2010).

Porém, a contribuição da perspectiva teórico-metodológica que emerge no debate feminista é mais extensa. Ao considerar o gênero enquanto “construção simbólica que é constituído e representado de maneira diferente segundo a localização” que assumem significados específicos através de discursos sobre diferentes feminilidades e masculinidades, que simbolizam para além de trajetórias, circunstâncias materiais e experiências culturais e históricas particulares (BRAH, 1996, p. 34)”, essa abordagem permite pensar sobre as especificidades dos contextos de mobilidade nos quais as marcas de diferença são ressignificadas.

É importante ressaltar que não adoto o gênero como uma categoria analítica. Sigo a proposta teórica de Strathern (1988, 2006), Piscitelli (2008b, 2010, 2013) e Vale de Almeida (2000) ao pensá-lo como um tipo de diferenciação que assume conteúdos específicos em contextos particulares e se intersectam com outras marcas de diferença.

Concordo com as abordagens que consideram o gênero relacional, justamente por colocar categorias em relação, como por exemplo noções sobre masculinidades e feminilidades. De acordo com Piscitelli, as abordagens de Strathern e Vale de Almeida “*consideram que essas noções (masculinidades e feminilidades), deslocando-se de homens e mulheres, marcam as pessoas de maneiras complexas,*

entrecruzando, às vezes, atributos femininos e masculinos, como também marcam espaços e objetos” (2013, p. 31).

Aliás, a etnografia mostrou que a mobilidade de rapazes e meninas de Mantena para o Cacém envolviam diferentes conteúdos simbólicos e negociações no contexto familiar. A ideia de que as concepções de gênero produzem expectativas e resultados diferenciados para mulheres e homens nos deslocamentos transnacionais tem sido indicadas por Boyd e Grieco (2003); Ong (1999) e Pessar e Mahler (2003).

Em Mantena, tanto a mobilidade geográfica, quanto a social é pensada de forma diferente para rapazes e meninas. Ser *menino* ou *menina* influencia a decisão de se deslocar entre fronteiras internacionais e produz diferentes negociações, expectativas e formas de organização do projeto migratório, bem como diferentes conteúdos simbólicos como demonstrarei adiante.

O que pretendo dizer é que se a idade foi considerada o ponto de partida por mim, a chave analítica para a interpretação das experiências de deslocamentos entre fronteiras internacionais, durante a etnografia foram as diferentes concepções e classificações sobre “raça”, etnicidade e sexualidade entretidas com outras marcas que se evidenciaram como as principais categorias mobilizadas na construção das diferenças e experiências de mobilidade.

Bagunçar e *fazer a coisa errada* se constituem como recursos discursivos recorrentes e são exemplos de como o gênero, concebido como um sistema de produção de diferença - práticas e características determinadas como masculinas ou femininas - atravessam o social (PISCITELLI, 2008b). Para narrar as histórias dos rapazes, esses termos são utilizados normalmente para fazer referência ao uso excessivo de bebidas alcoólicas e outros psicoativos e à prática de delitos - roubo, tráfico de drogas e assassinatos. No caso das meninas, a significação da *coisa errada* e do *bagunçar* está diretamente vinculada à sexualidade das mesmas. É usada de forma recorrente para narrar episódios de mulheres da região que se deslocaram e trabalharam como *prostitutas*, ou ainda para denotar uma “suspeita” do trabalho na prostituição. Apesar desse receio, no caso das meninas, a partir do momento que começam a ter um papel econômico importante na renda da família, independente da atividade laboral exercida, seu

deslocamento passa a ser visto de maneira positiva pelos pais e irmãos e possibilita uma “neutralidade moral” para as meninas.

Existe uma segmentação que parece estar relacionada com os padrões locais de feminilidade e masculinidade: a migração internacional para os rapazes, a ideia de que a migração é uma alternativa para os rapazes parece associar-se à possibilidade de uma *melhoria de vida* mais rápida, comparado, por exemplo, com a continuação dos estudos, tornando-os um melhor provedor para a família e um *bom partido* no mercado afetivo-sexual local.

O casamento ou a continuação dos estudos como estratégia de mobilidade para as meninas. Todavia, ainda que esses padrões sejam predominantes – são passíveis de ser alterados. Aliás, a mobilidade entre fronteiras internacionais para contextos e conteúdos particulares, e com conteúdos específicos que situam mulheres e homens, tem possibilitado transformar concepções e relações sobre gênero, família, moralidade e relações de poder, o que não significa, necessariamente, a existência de uma ruptura com os modelos e padrões anteriores aos deslocamentos, mas, sim, uma coexistência¹².

Apesar de não haver, em Portugal, um controle social da família *in loco*, existe em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna o que chamei de “fofoca transnacional”, circulações de informações que mantêm os moradores constantemente atualizados sobre a vida dos sujeitos em Portugal. Sheila faz referência ao controle da sexualidade das meninas em Cachoeirinha de Itaúna, argumentando que “*na minha cidade, tudo é puta. Tudo é puta, puta, puta. Beija na boca, é puta. Só que aqui [em Portugal] eu também num convivia com muita gente de lá, então eles num podia pensar que era puta*”.

O fato de Sheila ser *saideira na roça* era constantemente referenciado pela sua família, o que justificaria o receio de que ela fizesse *coisa*

¹²Essa argumentação foi construída na medida em que considerei as temporalidades dos projetos e das próprias narrativas sobre seus projetos e experiências de mobilidade e foi possibilitada pelo fato de eu acompanhar suas trajetórias biográficas e sociais e de suas famílias ao longo dos últimos quatro anos. Se em um primeiro momento a migração se configura como uma estratégia de reprodução social familiar executada a partir do deslocamento de um membro do grupo doméstico e nomeada como *melhorar de vida*, o desenho do projeto migratório não se mantém incólume. A forma como se vive e se dá sentido às mobilidades se modifica com o tempo da migração (Pagamento da dívida, relação com o trabalho, gestão do dinheiro, incremento nas suas redes de amizade e interconhecimento no Cacém).

errada em Portugal. No Morro do Margoso, a categoria *meninas baixas*, surgiam para fazer referência às meninas que usam *roupas curtas, falam palavrões e perdem a virgindade cedo*, que, para além das meninas que fazem *programa, são alvo principal de comentários e fofocas* nos locais de origem, que remetiam para comportamentos e corporalidades consideradas moralmente aceitas ou não.

O que parece indubitável sobre a mobilidade de meninas entre Mantena e Cacém é a maneira como, nesse campo social transnacional, a sexualidade ocupa centralidade no processo de construção da diferença e na classificação moral das mulheres, como também é uma das principais categorias que circula entre essas fronteiras.

Atualmente, Sheila tem um papel econômico muito importante na família. É D. Rosa (mãe) que gere as remessas de dinheiro enviadas pela filha. No entanto, os benefícios econômicos dessas remessas são utilizados por toda a família nuclear. Sheila manda *presentes* - um relógio de pulso para Sr. Carlos, roupas e lembranças para o quarto do bebê de Beto (irmão), etc - além de contribuir na despesa mensal da família. É importante salientar que, assim como Sheila, as mulheres solteiras que se deslocam para Portugal têm tido um papel importante no envio de remessas, mais até do que alguns homens da família que também se moveram.

Se, na origem, o fato de Sheila ser *saideira e sem juízo*, parece estar associada uma noção de “virtude” feminina, intimamente ligada à forma como se vive a sexualidade, que a colocava como “desviante” quanto aos comportamentos sexuais aceitos em Mantena, em Portugal, um cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira (PARKER, 1991) é no campo da sexualidade e do agenciamento das noções de brasilidade (PISCITELLI, 2011), que a construção da diferença será efetuada.

Dito de outra maneira, em Portugal, é também no campo da sexualidade que são formuladas as principais diferenças que posicionam os sujeitos em determinados lugares na hierarquia social, ainda que de maneira diferente. A forte vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição, e a visibilidade concedida na

mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante”¹³, parece influenciar de forma direta as construções sexuais e afetivas dos sujeitos dessa etnografia que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, “raça” e etnicidade.

Ao longo da realização da etnografia, constatei que nos espaços sociais transnacionais, entre Mantena e o Cacém, as noções que vinculavam o deslocamento de brasileiros para Portugal a uma vivência mais “livre” da sexualidade e a possibilidade de inserção no mercado do sexo local eram recorrentes. Mais do que isso, nas próprias relações afetivo-sexuais dos sujeitos em Portugal algumas categorias e classificações dos sujeitos sobrepujam o mercado do sexo e afetivo-sexual. Fui percebendo que as trocas, afetivas e sexuais, independentemente de estarem vinculadas ou não ao mercado do sexo, implicavam relações de reciprocidade, ajuda e interesse, o que não significava ausência de afeto ou “amor”.

Assim, ao contrário, defendo que mais do que a classe, é na interseção de marcas sociais como nacionalidade, gênero e etnicidade que, em contextos específicos de deslocamentos, o uso tático da sexualidade e de determinadas concepções de feminilidades e masculinidades têm ocupado centralidade nas experiências dos sujeitos.

A mobilidade de Sheila possibilita mostrar que o fato dela *ser menina* demandou intensas negociações no seu contexto familiar. Fazer *a coisa errada e ficar falada* na região se configuravam como os principais receios de seus pais. Esse termo nativo é utilizado para narrar episódios de mulheres da região que se deslocaram para “Europa” e trabalharam como *prostitutas*, ou, ainda, para denotar uma “suspeita” do trabalho na prostituição.

¹³A partir de 2003, o fluxo de imigração brasileira em Portugal começa a ser marcado por uma crescente feminização, semelhante a outros cenários de imigração brasileira na Europa. Segundo Piscitelli (2008), a transnacionalização da indústria do sexo e dos vínculos amorosos – sobretudo através do turismo sexual e das migrações – tem revelado os modos como a feminilidade brasileira é associada a noções interpostas de sexualidade, gênero, cor da pele/raça e nacionalidade: uma mulher exótica, com um *locus* erótico e com um estatuto jurídico de marginalidade. A autora conclui que essas articulações entre marcadores de diferença são ativadas independentemente do fato dessas mulheres estarem ou não vinculadas à indústria do sexo (PISCITELLI, 2008:269).

Apesar desse receio, evidencio que ter um papel econômico importante na renda da família através das remessas de dinheiro reconfigura o lugar das meninas dentro da família, independentemente da atividade laboral exercida. Seus deslocamentos passam a ser vistos de maneira positiva pelos pais e irmãos.

Se é no campo da sexualidade que emergem as principais tensões para os deslocamentos de meninas da região, a sexualidade, articulada com outras marcas de diferença, tem sido central também no Cacém e nas experiências de mobilidade dos sujeitos. A experimentação de uma maior liberdade sexual pelas meninas, a inserção no mercado do sexo e a construção de categorias de sujeitos mais ou menos desejáveis no mercado afetivo-sexual local também foram observados.

2. Virando homem: interseções entre “raça”, sexualidade e nacionalidade

No caso da maioria dos rapazes que fizeram parte dessa etnografia, para além de também pertencerem a um mesmo grupo etário, lugar de origem, determinado lugar na estratificação social e terem tido a experiência de deslocamentos entre fronteiras internacionais, outros aspectos como a relação com o trabalho, o estado civil, a experiência da paternidade os diferenciavam sobremaneira. A etnografia revelou a heterogeneidade de experiências e articulações entre marcadores de diferença também nas configurações dos seus relacionamentos sexuais-afetivos, nas relações estabelecidas com suas famílias, bem como o lugar/posição ocupado dentro dos contextos sociais em que estavam inseridos.

Em diferentes situações e interações os rapazes acionavam marcas de diferença que simbolizam *ser brasileiro* e *homem* no Cacém. Tais símbolos passavam pela construção de determinadas corporalidades e estilos, de negociações e ressignificações nas relações de sociabilidade e de trabalho, bem como nas relações afetivo-sexuais.

Uma das categorias êmicas que se converteu em uma expressão recorrente utilizada, tanto pelos rapazes como pelas meninas, nos locais de origem e destino foi *Virar homem*. Mas quais são os

requisitos para que um indivíduo do sexo masculino seja reconhecido como homem em Mantena e no Cacém?

Parece evidente que os conteúdos simbólicos associados aos “brasileiros em Portugal” possuem significados diferentes no que se refere ao gênero e aos locais de destino. No caso dos rapazes, se a alegria, sensualidade e festividade funcionam como retóricas funcionais em determinadas situações e contextos, ao longo dos últimos oito anos, período em que registrou-se o maior crescimento da “comunidade brasileira” em Portugal, a utilização de expressões brasileiras enfatizando a originalidade de práticas criminosas relacionadas com o Brasil podem ser observadas em inúmeras notícias produzidas na região metropolitana de Lisboa, em bairros considerados periféricos ou em locais associados a uma presença efetiva de brasileiros, como é o caso da Costa da Caparica, Ericeira, Setúbal e, mais recentemente, a linha de Sintra, e atuam de forma determinante nas experiências dos sujeitos.

Oliveira, na sua etnografia realizada na Costa da Caparica, afirma que entre as variadas combinações representacionais sobre os brasileiros em Portugal, a de que ele é “*um potencial ladrão, é o pobre que vem das favelas e que traz consigo a violência e a criminalidade tão noticiadas no Brasil*” (2006, p.148) é predominante. Para o autor, tais representações originam-se de pequenos delitos protagonizados por brasileiros no ano de 2001 e que foram detidos posteriormente.

“Arrastão na Praia de Carcavelos”¹⁴, “Rapto à moda do Brasil com resgate de 70 000 euros”¹⁵ e “Crime organizado brasileiro chegou em Portugal”¹⁶ são expressões e fenômenos relacionados ao Brasil, ainda que o sequestrador seja português, e o arrastão tenha sido feito por *jovens africanos de 2ª geração*, moradores de *bairros problemáticos*. Como comentou Miguel Vale de Almeida, os bairros *problemáticos* têm uma associação direta com a cor (negra), a origem étnica

¹⁴Vale de Almeida (2006), disponível em <http://miguelvaledalmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/07-portugal.pdf>. Para outra análise sobre o “Arrastão” em Carcavelos praticado por jovens dos bairros considerados problemáticos de Lisboa, ver Carvalho (2008).

¹⁵Jornal Correio do Manhã, 15 de abril de 2013.

¹⁶Jornal Correio da Manhã, 19 de setembro de 2008.

(africanos) e o estatuto de *imigrante*, somado às práticas de violência e criminalidade originados no Brasil¹⁷.

Em primeiro lugar, a combinação entre uma inserção no mercado de trabalho com pouco status reconhecido e a utilização de símbolos do mundo do crime na construção de um determinado estilo de masculinidade, associado em Portugal à *brasilidade*. A maioria dos rapazes com que trabalhei tinha como ocupação laboral principal a construção civil. Apenas três rapazes trabalharam em áreas distintas da construção civil, ainda que tenham passado por essa experiência laboral durante o deslocamento entre fronteiras internacionais. Jonas, por exemplo, trabalha atualmente numa quinta, no plantio e colheita de morangos. Magno, é caseiro e tratador de animais de outra quinta. Wellington, durante uma temporada, trabalhou em uma estufa em Ericeira, na plantação e colheita de verduras e legumes. Com pouca escolaridade, máximo 9º ano, suas experiências laborais em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna estavam circunscritas ao plantio e colheita do café, corte de eucaliptos e, em alguma medida, na construção civil como ajudante ou servente. Em Portugal, as atividades desempenhadas diversificam-se: pintura, montagem de andaimes, canalização e até mesmo a função de encarregado de obras, que possui maior prestígio.

No entanto, no Cacém, o que chamava-me a atenção eram as constantes referências ao crime organizado; ao *sangue nos olhos* e à violência como conteúdos simbólicos que se vinculavam à ideia do *ser brasileiro*. Não pretendo, *a priori*, definir o que nesse contexto é considerado violência, mas utilizá-la como janela para pensar as dinâmicas sociais e suas disputas semânticas. Dessa forma, considero eventos violentos que marcaram a minha presença prolongada, tanto no Cacém como em Mantena e Cachoeirinha de Itaúna, os conflitos

¹⁷Todavia, a vinculação dos brasileiros migrantes à criminalidade começa a ser mais frequente a partir do ano de 2008, através do primeiro assalto a banco com reféns em Portugal e a notícia sobre a criação do PCP- Primeiro Comando de Portugal, uma alusão ao PCC Primeiro Comando da Capital, fundado na cidade de São Paulo, em setembro. No primeiro episódio, os protagonistas, *dois jovens brasileiros*, assaltaram uma das dependências do BES (Banco Espírito Santo) em Campolide, sequestrando seis pessoas: dois homens e quatro mulheres. A negociação durou aproximadamente nove horas. No fim da noite, um dos rapazes foi alvejado pela polícia (Grupo de Operações Especiais) e morreu imediatamente. O outro sofreu ferimentos muito graves, mas sobreviveu. Foi condenado a onze anos de prisão. Este assalto teve grande repercussão midiática, que incluiu o noticiamento em tempo real das negociações entre os assaltantes e a polícia e os consequentes disparos e morte, sendo lembrado em 2009 com o resultado da sentença e a extradição do rapaz em 2013.

que tiveram como consequência agressões físicas e/ou morte. O espancamento de Maicon na saída de uma discoteca por seguranças *portugueses*; constantes brigas nos cafés e bares, que culminou em um assassinato em dezembro de 2012, no Cacém; o término da relação afetiva-sexual entre Camila e Roberson que teve como consequência a agressão física (de Camila sobre Roberson) e o seu internamento no hospital Amadora-Sintra, são alguns exemplos.

O porte de armas e o *estilo bandido* de se vestir, falar¹⁸, andar, somado ao gosto pelo *funk carioca* e o *rap*, constroem símbolos importantes sobre ser um *homem brasileiro*. É importante ressaltar que o Cacém está inserido numa imagética social aos *bairros problemáticos*. Os rapazes e meninas que se deslocaram de Mantena para Portugal vieram diretamente para o Cacém. Suas experiências de sociabilidade, portanto, estão circunscritas a espaços considerados periféricos - a linha de Sintra, que se converteu em um dos principais trajetos dos sujeitos, ao longo dos anos. O Centro Comercial Babilônia, na Amadora e a Feira de Monte Abraão, são alguns exemplos. Nesse mesmo contexto, a disputa dos territórios de sociabilidade e de masculinidades tornava-se evidente.

Maicon, por exemplo, ao narrar sobre os episódios mais relevantes de sua trajetória destacava constantemente sua participação em ações criminosas, detenções e brigas no Brasil e no Cacém. O prédio onde a maioria dos rapazes morava era nomeado por eles como Carandiru¹⁹. Um prédio cinzento e antigo. Na primeira vez que estive no prédio, acompanhada de Maicon, apresentou-me para André que acabara de chegar com as roupas sujas ainda do trabalho nas obras: *essa é a tal escritora que te falei que queria conhecer o Carandiru*. André responde de forma rude: *ah tá*. Vai à cozinha, traz dois litros de cerveja e fala: *“Bem vinda ao Carandiru. Aqui polícia nenhuma entra e se entrar sai rapidinho. Aqui só moram brasileiros”*.

Dessa forma, percebi que a construção de códigos e significados do

¹⁸Misse pondera que o “uso de expressões de gíria emula uma imagem social de “malandro” tanto quanto o uso do palavrão está associado às imagens do “macho” e da “virilidade”. Se o uso dessas expressões generaliza-se para além de seus contextos de uso frequente, isso pode indicar que os “valores” contidos nessas imagens sociais ampliaram-se para mais segmentos sociais do que antes” (2010:33).

¹⁹Carandiru é o nome popular da antiga Casa de detenção de São Paulo que chegou a abrigar 8.000 presos e se configurou por isso a maior prisão da América Latina. Foi desativada em 2002.

que é ser homem atravessava “o mundo da construção civil” (DUARTE, 2003) e conjuntamente “o mundo do crime” (FELTRAN, 2011). O “mundo da construção civil” para Duarte é um ambiente estritamente masculino e um local favorável para a produção de certos tipos de masculinidades, onde “a força física é exaltada como uma característica desejável”, e um contexto de compartilhamento de códigos, símbolos e hierarquias entre os rapazes que existe num duplo movimento, pois “*ao mesmo tempo o local de trabalho produzia, eram produzidos*” por certas masculinidades (DUARTE, 2003, p.5).

Já a acepção sobre o “mundo do crime” seguirá a noção utilizada por Feltran, ainda que o autor deixe claro na sua utilização que é uma expressão usual das periferias da cidade de São Paulo. Recorro-a pelo fato dela designar “o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas, e discursivas que se estabelecem no âmbito local, em torno de negócios ilícitos do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos (FELTRAN, 2010, p.19)”, que atravessam as trajetórias de alguns rapazes, seja em suas experiências individuais, em suas redes familiares e de sociabilidade, ou nos locais de residência na origem. Durante a etnografia, Dalton, Wesley, Maicon e Natan foram presos. Dalton e Wesley por assalto a mão armada (um posto de gasolina e uma ourivesaria), Maicon por tráfico de drogas e Natan por assassinato.

Mais do que isso, como mostra Brant (1994) e mesmo Feltran (2009, 2010), as pessoas vivem simultaneamente o crime e o trabalho. As permanências alternadas no Cacém e em Mantena me possibilitaram observar algumas situações em que o “mundo do crime” fazia-se presente. No primeiro dia no Morro do Margoso, reparei em movimentações de vendas de drogas. Quando eu e D. Chiquinha caminhávamos próximo de uma das bocas²⁰ (não são muitas), fomos abordadas por Wanderson, que perguntou quem eu era. D. Chiquinha mostrou-se inquieta e respondeu: “*ela é escritora e amiga da Camila lá dos Portugal*”. Wanderson, por sua vez, conta que esteve em Portugal durante *muito tempo*. Pergunta-me se conheço o Amarelinho de Cascais e diz que “*queria voltar, mas que tinha matado um cara e agora tava difícil*”. Fala também sobre o desejo de ir para Londres, porque sua irmã casara com um inglês. D. Chiquinha continua a descer as escadas do morro, apressadamente e Vander finaliza: “*você é muito*

²⁰Ponto de venda de drogas.

simpática e eu gosto muito da Camila. Vi ela crescer. Fica a vontade e se precisar de alguma coisa estamos aí”. Vander, segundo D. Chiquinha, era um dos principais traficantes do Margoso.

Para alguns rapazes, migrar se configurava como uma possibilidade de *mudar de vida*, de reconstrução de suas trajetórias, de conversão²¹, na medida em que possuíam antecedentes criminais, dívidas com traficantes ou inimizades que colocavam suas vidas em risco (como o caso de Wanderson, Yan e Maicon). Micael, irmão de Camila, na minha segunda estadia em Mantena havia saído recentemente da prisão após cumprir uma pena de cinco anos por tráfico de drogas e procurava trabalho como servente de pedreiro. Desanimado com as constantes recusas, reclamava da dificuldade por ser ex-presidiário somado ao fato do estigma em viver no Morro do Margoso. Sobre rapazes com antecedentes criminais e/ou dívidas (o que ele entende como *treta*), Maicon esclarece:

para quem tem treta no Brasil vale a pena morar aqui, dá para viver tranquilo. Tinha um monte de colega meu que morava aqui, no primeiro andar mesmo (do Carandiru). Resolveram voltar e agora estão todos presos lá no Brasil. Pensaram que não iam ser presos e quando desceram do avião foram todos presos. Com certeza foi algum X9²², porque eles chegaram e a Polícia Federal estava à espera deles.

Encontrei conjuntamente rapazes que tiveram a primeira experiência de um ato criminoso, em Portugal, como por exemplo Dalton, Wesley e Natan.

Nos locais de origem, no Morro do Margoso e em Cachoeirinha de Itaúna, as concepções sobre masculinidades e feminilidades também produziam diferentes expectativas, resultados e conteúdos simbólicos (BOYD, GRIECO, 2003; ONG, 1999; PESSAR, MAHLER, 2003). Se para as meninas, o receio da *coisa errada* e do *bagunçar* estava diretamente relacionada à sexualidade das mesmas, para os rapazes, a prática de delitos, a possibilidade de encarceramento e o uso excessivo de bebidas alcoólicas são as preocupações mais recorrentes, sobretudo

²¹Utilizo o conceito de conversão de acordo com a concepção em “mudar de vida” encontrada os discursos das igrejas de correntes neopentecostais, como uma ruptura entre um “antes” (no pecado) e um “depois” (com Jesus). Para uma discussão sobre religião e juventude ver Sofiati (2009), no que se refere aos novos carismáticos da Igreja Católica e Mariz (2005) para as religiões neopentecostais.

²²Delator.

dos familiares. Narrativas e experiências de encarceramento, visitas às prisões, relatos sobre assassinatos, participação no tráfico de drogas e uso de psicoativos eram frequentes entre mães, vizinhos, etc. A cena etnográfica que relato abaixo revela como o encarceramento parece ser um importante rito de passagem nesses contextos. Dona Niquinha desabafa “*tô cansada de cadeia*”, me olha e diz “*não assusta não, mas essa juventude de hoje é assim*”.

No Cacém, ao longo da etnografia, fui compreendendo que a demarcação simbólica de *ser brasileiro* era, sobretudo, uma contraposição à categoria *preto* e estava associada a outros elementos que ultrapassavam a cor da pele ou a origem étnica. *Ser preto*, significava na maior parte dos casos ocupar uma posição inferior na hierarquia das diferenças em Portugal. Dito de outra forma, a referência aos *africanos*, mais do que através da cor da pele se dá através da idéia de uma *cultura diferente* da brasileira que remete para hierarquias entre “Brasil” e “África”. Como muitos deles afirmavam: “*o Brasil é o Brasil... a África não é nada*”. É importante ressaltar que essa escala hierárquica opera de forma semelhante aos imaginários sobre esses lugares em Portugal²³. Era melhor ser *preto brasileiro* que *preto africano*, categoria que preenche um lugar de menos *status* também nas atividades laborais marcadas por uma clara etnicização, como é o caso da construção civil e a área de limpezas.

Dentro de uma hierarquia de valores simbólicos ligada à branquitude do Estado-Nação de origem, um Brasil “branco”, ou “mestiço”, no Cacém, os *pretos brasileiros* são brancos. Angola é *preta*. Os *pretos africanos* são pretos. Além do mais, o Brasil faz parte de um “Ocidente” em desenvolvimento e a África não. Talvez seja por esse motivo que se branqueia o *preto brasileiro* no Cacém.

O que pretendo demonstrar é como os contextos migratórios são relacionais, na medida em que determinados cenários e localizações envolvem complexos sistemas classificatórios, nos quais a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outros grupos, que são produzidos discursivamente e que inclui ou não a

²³Cabecinhas (2002), na tese intitulada “Racismo e Etnicidade em Portugal” conclui que de modo geral, na sociedade portuguesa, à exceção dos ciganos, que são colocados numa posição subalterna, sujeitos oriundos das ex-colônias africanas possuem um menor estatuto social e não são diferenciados em termos de grupos nacionais. Ao contrário, são homogeneizados sob a classificação de «africanos» ou «pretos».

categoria nacionalidade. No Cacém, um território marcado por uma intensa presença de africanos de língua portuguesa e, mais recentemente, de brasileiros. Em muitos momentos, a diferença é construída em oposição aos angolanos e cabo-verdianos (*os pretos*), que envolve a “*negação de que não existem quaisquer similaridades entre os dois grupos*” (WOODWARD, 2000, p. 9), categorizados de forma homogênea como *pretos*, independentemente de sua origem nacional.

Contudo, as demarcações da diferença também são eleitas de acordo com as experiências nos locais de origem. Em Mantena, a hierarquia de classificação racial se entrecruza com a classe. Ser “negro” na cidade se configura como o mais baixo nível hierárquico, enquanto no Cacém, ainda que se verifique uma desigualdade de classe (sobretudo no que se refere aos portugueses), a interação social com os africanos tem tornado possível a elaboração de novos arranjos classificatórios. A construção da diferença (BRAH, 2006) é produzida através da articulação e hierarquização de outros marcadores de diferenciação social: gênero, sexualidade, nacionalidade e etnicidade. Ser *preto brasileiro* no Cacém parece mais vantajoso do que ser *negro e pobre* em Mantena.

Todavia, pensar as relações de poder no Cacém e a construção e ressignificação das diferenças pressupôs, conjuntamente, refletir sobre as concepções de diferentes masculinidades, atravessadas não somente por categorias raciais e étnicas, como conjuntamente gênero e sexualidade.

Ainda que para ser *preto* bastasse ser oriundo da África e ter a pele escura, *ser brasileiro*, quando relacionado a cor da pele, significava *ser moreno/a*. Todavia, não bastava para *ser brasileiro* ter nascido no Brasil. Existia um conjunto de estilos, comportamentos e *hexis* corporais (BOURDIEU, 2004)²⁴ que tornavam os rapazes e as meninas mais ou menos *brasileiros*. Nas discotecas, cafés e eventos brasileiros, membros de bandas, dançarinos (as) e MC’s de *funk*, produzidos como “novas celebridades” dentro do grupo, são reconhecidos como tendo um *status* elevado. Dessa forma, utilizo a noção de estilo sugerida por Simões, França e Macedo (2010) a partir do trabalho de Abramo

²⁴O que é entendido por *hexis* ultrapassa a noção de *capital físico ou corporal*, correspondente a uma disposição e a uma trajetória individual, mas inclui conjuntamente, uma dimensão de grupo.

(1994), como “*um jeito de dar-se a ver em público, uma forma de encenação e comunicação*” (SIMÕES, FRANÇA, MACEDO, 2010, p. 48). Esta noção de estilo tornou-se relevante à medida que permite articular interesses e expectativas de autoimagem e imagem coletiva a determinados objetos, corpos e práticas, que, nesse contexto específico, definem os significados do que é *ser brasileiro em Portugal*, nomeadamente no Cacém.

No Cacém, encontrei códigos de interação distintos entre os rapazes que não implicam em relações de igualdade. Se os homens são rivais potenciais na competição pela masculinidade (VALE DE ALMEIDA, 2000, p.188), um modelo frágil que pode ser constantemente reconstruído e que é competitivo e hierarquizante, as classificações e posições entre os rapazes vigentes se estabelecem de maneira situacional. Em um primeiro nível, poderíamos falar sobre os códigos de interação nas relações entre *pretos e brasileiros*, cujos cafés são um dos poucos *locus* privilegiados de sociabilidade entre esses grupos. A interação entre esses grupos, sinônimo muitas vezes de *confusão*, é reconhecida pelas próprias discotecas do entorno, que distinguem os eventos entre *noite brasileira* ou *noite africana*, ainda que nas *noites brasileiras* se escutasse poucas músicas africanas, como o kuduro, e, nos *eventos africanos*, músicas brasileiras, como o *funk carioca*.

Nessas relações predominam uma escassa comensalidade – bebidas e cigarros - e uma coexistência desconfiada no espaço dos cafés. Ainda que se note como hábito recorrente cumprimentar todos as pessoas que estão no café, não são aceitáveis brincadeiras em tom jocoso, como tentativas de feminizar alguns rapazes ou emitir comentários sobre *gajas brasileiras*. O contrário também foi evidenciado. Aliás, de forma similar aos contextos de origem, as brigas e os desentendimentos - ainda que no Cacém as rivalidades entre rapazes eram classificadas como *entre pretos e brasileiros* – eram, em sua maioria, motivados por questões relacionadas à honra masculina: quando se desrespeita *a mulher de alguém* ou por disputas entre *quem era mais homem*. No Cacém, o lugar prevaemente para a ocorrência de conflitos eram os cafés.

Mas *ser brasileiro* no Cacém envolvia outros conteúdos simbólicos para além de um estilo e uma estética específica. Havia uma disputa clara de territórios que envolviam noções de respeito e poder associados a um sujeito criminal e masculino. As narrativas sobre

confusões, brigas, ameaças de morte eram recorrentes, sobretudo nos espaços dos cafés que geralmente envolviam tensões e disputas entre *brasileiros e pretos*. Como afirmara Vale de Almeida (2000, p.186), nos cafés “*está-se exposto também aos inimigos*”. A tensão entre esses “grupos” parecia aumentar desde a primeira vez que estive no Cacém, em Janeiro de 2010. A maioria dos espaços era frequentado ou por *brasileiros* ou *africanos*. Quando se reuniam em um mesmo espaço, e os cafés eram os prevaletentes, - depois do trabalho nas obras nos dias de semana ou nos finais de semana durante o dia - havia sempre *confusão*, como relatavam os rapazes e meninas.

Ao longo dos três anos e meio no Cacém, as retóricas e discursos exagerados de Maicon sobre suas façanhas nas brigas e *tretas* com os *pretos* eram recorrentes e demonstravam “bravura” e “virilidade”²⁵, como também os casos de conquista sexual de meninas. Todavia, a primeira vez que entrei no café de Seu Nuno, um espaço quase exclusivamente masculino e prioritário de “confusões”, estava acompanhada de Maicon e Yan, após oito meses do início da etnografia. Corroboro com a análise de Vale de Almeida, que reitera a importância dos *cafés*, a “casa dos homens” na “lógica local de organização da vida quotidiana” em sua etnografia no Alentejo. Se para o autor, “*foi um espaço-tempo privilegiado para a minha observação e interação, onde inclusive as informações sobre os outros dois (o trabalho e a família) foram sobremaneira recolhidas*” (2000, p.58), a relevância dos cafés na sociabilidade masculina no Cacém, como também nos bares em Cachoeirinha de Itaúna em Mantena, foi constatada. Todavia, ao contrário de Vale de Almeida, pelo fato de ser mulher e solteira, o meu acesso a esses espaços era condicionado à presença dos rapazes, fundamentalmente Maicon e Yan, no Cacém, e Beto, em Cachoeirinha de Itaúna.

No Cacém, o prestígio masculino era alvo de disputa em territórios simbólicos e físicos, sobretudo com os *pretos*. Afirmo sobretudo com *pretos*, uma vez que *os portugueses*, ainda que discursivamente, não se configuravam como um grupo que ameaçava a “virilidade” e a “bravura” dos *brasileiros*, sobretudo no que se refere à sexualidade e à disputa das meninas. Durante o último ano da realização da etnografia,

²⁵Fonseca (2004), ao desenredar os códigos de honra masculinos que regulavam a interação em uma vila localizada em Porto Alegre, assinalou de que maneira noções de “bravura” e “virilidade” funcionavam como importantes componentes do prestígio masculino.

os conflitos entre *brasileiros* e *pretos* aumentaram no Cacém. A recorrência de brigas nos cafés ou discotecas brasileiras - nomeados pelos sujeitos como *risca faca* ou *faca show*, um termo usado para classificar pejorativamente lugares de diversão onde desavenças e brigas são frequentes. Em suma, quer dizer *lugar de briga, confusão*²⁶ que eram cada vez mais frequentes, como também a aparição de armas de fogo ou *quebras e vôos de garrafas*. Não pretendo dizer que antes os conflitos não existiam, mas, *geralmente*, eram mediados de forma eficiente por Maicon, Ivo, ou ainda por mim. Era preciso “*esfriar a cabeça dos gajos*”, como explicava Sheila.

Como afirmei anteriormente, o Cacém é um bairro “periférico” da Grande Lisboa e é associado e representado no senso comum como um bairro *problemático, com uma associação direta* com a cor (negra), a origem étnica (africanos) e o estatuto de *imigrante*, somado às práticas de violência e criminalidade (VALE DE ALMEIDA, 2006). A maioria dos moradores é oriunda das antigas colônias na África portuguesa, mas também de muitos portugueses de classe média baixa, na sua maioria, *retornados* dessas mesmas antigas colônias portuguesas na África e Ásia.

É nesse contexto que as diferenças no Cacém são construídas pelos sujeitos, mediadas pelos sistemas de classificação étnico-raciais locais, mas não só. A cena etnográfica abaixo ilustra que, ainda que nas classificações de diferença se evoque as polaridades *branco/preto*, ao mesmo tempo, são adicionadas outras marcas, como a nacionalidade e a etnicidade. Dessa forma, as articulações são relacionais, situacionais e mediadas pelos contextos sociais de interação entre os sujeitos.

Do mesmo modo que a cor da pele e a etnicidade, a sexualidade converteu-se como um dos marcadores de diferença determinantes nas experiências dos rapazes, na construção de masculinidades ou do *ser homem*, como também na delimitação de fronteiras intragrupoais – *os brasileiros* – e entre outros grupos – *pretos e portugueses*.

No Cacém, *ser homem* não se circunscreve às dimensões laborais, o *aguentar a beber* e o sucesso econômico dos rapazes. O desempenho sexual e as relações estabelecidas com as meninas são, conjuntamente,

²⁶Há músicas que fazem referências a esses lugares, associados ao consumo de álcool demasiado e às constantes confusões, como por exemplo “Risca faca” da banda Aviões do Forró.

elementos estruturantes e organizadores de suas masculinidades e tecem importantes hierarquias entre sujeitos mais ou menos desejáveis ou mais ou menos *homens*.

No campo da sexualidade emergem também diferenças na construção de modelos e ideais sobre família, amor e relações afetivos-sexuais, possibilitadas pelos deslocamentos entre fronteiras internacionais. O fato de Portugal ser um cenário marcado por uma excessiva sexualização da “mulher brasileira” e pela noção naturalizada de uma “cultura” sexual brasileira (PARKER, 1991) tem tido como consequência, também para os rapazes, uma reelaboração de categorias e estratégias que dinamizam classificações do que é ajuda, amor e interesse, tornando os sujeitos mais ou menos desejáveis nos mercados afetivos-sexuais. O esquema classificatório dos sujeitos, que incluem os rapazes, é entretido no mesmo contexto simbólico e discursivo das meninas, em que a sexualização ocupa um papel de destaque.

Dito de outra forma, em Portugal, a forte vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante” parece influenciar de forma direta as construções sexuais e afetivas dos sujeitos em deslocamento que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente nacionalidade, cor da pele e gênero.

Se, inicialmente, os discursos associados à sexualidade dos rapazes poderiam ser fixados como consequência de uma determinada fase de vida - uma vez que a grande maioria se deslocou entre os 18 e 22 anos - como a “adolescência” e a “juventude” ou resultado do fato dos sujeitos serem oriundos de uma classe social específica²⁷, considerados como contextos socioculturais precisos de aprendizagem da sexualidade (LEAL, 2003), a etnografia revelou descontinuidades entre discursos e práticas quotidianas e tênues fronteiras entre “modelos de abertura” e “modelos tradicionais” de gênero e família.

Se os discursos dos rapazes sugerem não haver grandes alterações e ressignificações nas concepções e vivências das relações afetivos-

²⁷No Brasil prevalecem discursos sobre a importância da emancipação feminina e da existência de relações mais igualitárias, fruto de uma ideologia individualista invocada pelas classes medianas, em contraposição às “classes mais baixas”, ou “populares”.

sexuais e familiares, contudo, nas interações e situações vivenciadas quotidianamente, verifiquei significativas ressignificações, possibilitadas pela alteração de suas localizações sociais e de contextos cuja geografia de poder marcada por gênero desorganizava padrões e modelos de família, moralidade e gênero.

As definições das relações pelos rapazes e meninas como “ficar”, “comer” e “namorar” são um exemplo. *Comer* é utilizado tanto numa linguagem masculina como feminina e significa ter uma relação sexual que envolve penetração. O significado de ficar, entretanto, consensualmente é classificado como *beijar na boca e dá uns amassos, mas não vai aos finalmente*. Para Justo (2005, p. 61), “ficar” é uma forma de relacionamento afetivo que caracteriza-se por “*ser breve, passageiro, imediatista, volátil e descompromissado*”²⁸. No entanto, de acordo com os sujeitos, *ficar* pode ser o início ou possibilidade de construção de uma relação duradoura, o *namoro*, que significa uma relação que envolve *compromisso* e *respeito*, na maioria das vezes, sinônimo de fidelidade.

O que diferencia discursivamente o *comer* de *ficar* é o fato de as meninas terem uma relação sexual no primeiro encontro, enxergado de forma negativa e potencialmente impeditiva para a construção de uma relação de namoro. Para os rapazes, contrariamente, tal prática é normalizada e demonstra virilidade.

A ambiguidade entre modelos ideais de família e amor e modelos de abertura e liberdade, foram evidenciadas por meio da disparidade entre os modelos ideais (enquanto discurso) e as exigências práticas da vivência cotidiana. Maicon, por exemplo, afirma que “*tem que namorar sem comer*”, apesar de ter relatado posteriormente que conheceu sua namorada, Juliana, no contexto do mercado do sexo.

Juliana é trabalhadora do sexo há quatro anos. Conheceu Maicon em um *programa* e reencontraram-se através da locação de um quarto na casa de Maicon. Começaram a morar juntos e depois a *namorar*. Ela atendia os *clientes* em casa, ainda que ele “*colocasse as regras dentro de casa e as coisas (materiais)... Nunca me pediu um centimo*”. Juliana considera que separa muito bem: “*o trabalho, de tomar conta da casa, cuidar dele e ser mulher dele (do marido)*”, o que remete à “dupla

²⁸A expressão “ficar” é parte do vocabulário no Brasil e em Portugal. Para uma análise antropológica do sentido/significado no Brasil, ver Schuch (1998).

carreira da mulher prostituta” analisada por Fonseca (2003). Apesar dos ciúmes de Maicon e do fato dele manter financeiramente a casa, Juliana afirma que havia *se acostumado a fazer aquilo*, a ter o seu *próprio dinheiro*, ainda que não fosse um *trabalho fácil*.

Na fala de Maicon encontramos copiosas contradições. *Ficar* na sua fala é utilizado para fazer referência à sua relação com Juliana que desde o início envolvia relações sexuais. Aliás, na primeira vez, Maicon fora cliente de Juliana. Portanto, a hierarquia entre *ficar, namorar e comer*, defendida na sua exposição anterior não funcionou para a relação com Juliana. Da mesma forma que a ordem dada por ele, enquanto marido, de Juliana ter de *arrumar um trabalho decente*, não fora cumprida pela mesma. Juliana continuou a *fazer programa*.

Maicon trabalhava na construção civil e durante sua ausência em casa, Juliana atendia seus *clientes*. Como afirmei anteriormente, Maicon assumia um importante papel de autoridade e liderança entre os rapazes, sobretudo, porque possuía a função de *broker* e era respeitado pelos *pretos* no Cacém. Essas especificidades podem explicar o porquê de dentro do grupo o trabalho de Juliana não ser assunto de piadas jocosas ou uma ameaça à virilidade e masculinidade de Maicon: ao menos não de forma explícita.

Ou seja, o prestígio de Maicon no grupo faz com que ele não seja percebido como “corno” e Juliana como “puta”. No entanto, o estatuto muda os fatos, ressignificando-os: nas inúmeras brigas e, como consequência, a separação do casal, Juliana era nomeada como “puta” por várias meninas e rapazes.

3. Tugas, Brasileiros e Pretos

Ao longo da etnografia fui percebendo a existência de hierarquias também entre os sujeitos, até então, classificados “brasileiros”. A cor da pele, por exemplo, é um elemento importante: quanto mais “branco” melhor. Os rapazes muito negros são considerados feios e menos “capazes” de “engatar” meninas/meninos. Ainda que a categoria *preto* seja utilizada para fazer referência aos africanos, os rapazes brasileiros *mais escuros* (como Jonas, Beto e Wellington) são constantemente confundidos com angolanos e estigmatizados dentro

do próprio grupo social. Portanto, a afirmação de que “ser preto brasileiro é diferente [leia-se “melhor”] do que ser *preto africano* parece funcionar, simbolicamente, apenas nas relações de sociabilidade mais amplas e em contraposição aos *africanos*.

Essa hierarquia dentro do grupo auxilia na justificação do fato de Maicon e Yan serem os principais narradores dessa cena etnográfica. Eram os *mais fortes* e os *mais bonitos*. Jonas e Wellington limitavam-se a observar e falavam esporadicamente, principalmente quando lhes dirigia uma pergunta direta. Yan relata um episódio em que uma menina de 15 anos com quem havia saído, *espalhou que ele era ruim de cama*.

No que se refere às relações afetivos-sexuais com um parceiro português, na percepção dos rapazes, a obtenção de vantagens materiais é vista como a única motivação das meninas em manter a relação. Considerados pouco viris, não se configuram como potenciais concorrentes aos *brasileiros*, ainda que seja a nível do discurso. Para os rapazes, as namoradas também são preferencialmente brasileiras, apesar de Maicon, Yan e Jonas terem namorado e compartilhado a casa com meninas portuguesas no início de suas trajetórias de mobilidade. *As brasileiras são as melhores* é uma narrativa recorrente entre os rapazes e significa, como nos estereótipos e conteúdos simbólicos e discursivos presentes em Portugal, mulheres que *gostam mais de sexo*, são mais sensuais e *cheirosas*. Ou ainda, respostas como as de Yan: “*sei não Paula, só sei que é melhor (as brasileiras)*”. Tornar-se brasileiro no Cacém parece uma aprendizagem singular e de grupo, mediada, em parte pela importância concedida à sexualidade na construção da identidade social e sua constante articulação com o mercado do sexo local e os códigos de gênero, como também com estereótipos ligados a criminalidade e a construção de um *estilo bandido*.

Dessa forma, a sexualidade tornou-se uma categoria fundamental nas definições de masculinidades e feminilidades nos deslocamentos que envolvem a cidade de Mantena e o Cacém, mostrando as maneiras como a mesma é ajustada pelos contextos locais.

Argumento que a vinculação nos imaginários entre “mulher brasileira” e prostituição, e a visibilidade concedida na mídia e no imaginário social a essa “comunidade migrante”, têm relação direta com as

construções sexuais e afetivas dos sujeitos dessa etnografia que elaboram, por meio da sexualidade, complexas articulações com outras categorias de diferenciação social, fundamentalmente, nacionalidade, “raça” e etnicidade, e reconfiguram as relações de poder através da interpenetração de noções sobre o que é amor, interesse e *ajuda*.

Considerações Finais

No presente artigo, apresento alguns resultados de uma etnografia multisituada realizada entre o bairro do Cacém, Portugal e a cidade de Mantena, Minas Gerais com 26 *jovens*. Argumento que recorrer à noção de fronteira como categoria analítica ajudou-me a compreender as dimensões geográficas e territoriais desses deslocamentos e, conjuntamente, as experiências de mobilidade entre fronteiras internacionais desses “jovens” que ultrapassam a categoria juventude.

Portanto, recorro ao modelo teórico metodológico das interseccionalidades (BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008), para compreender diversas marcas sociais de diferença articuladas – idade, nacionalidade, raça, etnicidade e sexualidade – que embaralham as dicotomias jovem/adulto, liberdade/responsabilidade, branco/negro, centro-periferia.

Argumento que são as experiências em localizações específicas, que os sujeitos e seus familiares constroem conteúdos e significados sobre seus deslocamentos, como também a elaboração de imagens sobre Portugal e o Brasil.

Por fim, mostro como em Portugal determinadas concepções de “juventude” entretidas com a nacionalidade (brasileira) e outras marcas sociais de diferença têm sido relacionadas com a participação no mercado do sexo (PISCITELLI, 2004), no caso das meninas e ao “mundo do crime” (FELTRAN, 2010), no caso dos rapazes.

Referências

ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

ASSIS, G. O. “Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos”. In: PISCITELLI, A., OLIVEIRA, G. A., Olivar, J. M. N. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: PAGU/UNICAMP, 2011. p. 321-362

_____. “De Governador Valadares e Criciúma para Boston”. **Nuevo Mundo-Mundos Nuevos**, v. 7, p. 37-54. 2007.

_____. Estar aqui..., estar lá...: uma cartografia da emigração valadarensense para os EUA. **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Boitempo, 1999. p. 193-232.

BORDONARO, L. I. **Living at the margins: Youth and modernity in the Bijagó islands** (Guinea-Bissau). 2007. Tese de Doutorado - ISCTE/IUL, Lisboa/Portugal.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Londres: Cambridge University Press, 2004

BOYD, M e GRIECO, E. **Women and migration: incorporating gender into international migration theory**. University of Toronto, 2003. <Disponível em <http://www.migrationinformation.org/feature/display.efm?ID=106>>. Acessado em: 15 de dezembro de 2013.

BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, 26, jan./jun., p.329-376. 2006.

_____. **Cartographies of Diaspora**. Londres: Routledge, 1996.

BRANT, V. C. **O trabalho encarcerado**. Rio de Janeiro: Forense, 1994.

CABECINHAS, R. **Racismo e Etnicidade em Portugal**: uma análise psicosociológica da homogeneização das minorias. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2002.

CARDOSO de OLIVEIRA, L. R. Racismo, direitos e cidadania. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50. 2004.

CARVALHEIRO, J. R. Etnicidade e os media: o “arrastão” de Carcavelos na imprensa. **Observatório (OBS) Journal**, 5, p. 297-323. 2008.

DUARTE, C. G. **Etnomatemática, currículo e práticas sociais do mundo da construção civil**. 2003. PhD Thesis. Dissertação de Mestrado - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo (RS).

DURHAM, D. Disappearing youth: Youth as a social shifter in Botswana. **American Ethnologist**, 2, 31. 4: p. 589-605. 2004.

DURHAM, E. R. A sociedade vista da periferia. In: _____. **A dinâmica da cultura**, São Paulo, Cosac & Naify, p. 377-407, 2004[1986b].

_____. **A Caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. São Paulo: Perspectiva. (1973).

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1994.

FELTRAN, G. S. **Fronteiras de tensão: política e violência nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. “Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana”. **Revista de Antropologia**, p. 565-610. 2010.

FONSECA, L. (coord.). **Reunificação Familiar e Imigração em Portugal**. Lisboa/Portugal: Observatório da Imigração. Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural. 2005.

FONSECA, C. **Família Fofoca e Honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: UFRGS editora, 2004.

_____. Familia y profesión : la doble carrera de la mujer prostituta. **La antropología brasileña contemporánea: contribuciones para un diálogo latinoamericano**. Buenos Aires: Prometeo, 2003. P. 95-135.

GELL, A. Recém-chegados ao mundo dos bens: o consumo entre os Gonde Muria. In: APPADURAI, A. **A vida social das coisas: as mercadorias de uma perspectiva cultural**. Niterói: EDUFF, 2010.

HEBDIGE, D. **Subculture: the meaning of stile**. Londres: Methuen and Co., 1979.

INDA, J. X. **Targeting immigrants** : government, technology, and ethics. Blackwell Publishing. 2006.

JUSTO, J. S. “O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade”. **Revista do Departamento de Psicologia**. v. 17 - nº 1, p. 61-77, Jan./Jun. 2005.

LEAL, A. F. **Uma antropologia da experiência amorosa: estudo de representações sobre a sexualidade**. 2003. Dissertação de Mestrado, UFRGS.

MACHADO, I. J. R. **Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto**. Lisboa: ICS, 2009.

MAHLER, S. J.; PESSAR, P. R. **Gendered geographies of power: Analyzing gender across transnational spaces**, 2001.

MENEZES, M. A. Família, juventude e migrações” **Revista Antropológicas**. v. 23, n. 1, p. 119-143. 2012.

MARIZ, C. L. Comunidades de Vida no Espírito Santo: juventude e religião. **Tempo Social**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 253-273, nov. 2005.

McCLINTOCK, A. **Couro Imperial: gênero, classe e raça no embate imperial**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MILLER, D. **Capitalism: an ethnographic approach**. London: Berg Publishers, 1997.

_____. **Material culture and mass consumption**. Oxford: Basil Blackwell, 1987.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. **Lua Nova**, n.79, p. 15-38. 2010.

ONG, A. **Flexible Citizenship: The Cultural Logics of Transnationality**. Durham, London: Duke University Press, 1999.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993.

PARKER, R. **Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PEREIRA, J. C. A. **O lugar desmanchado, o lugar recriado? Enredos e desenredos de jovens rurais na migração internacional**. 2012. Tese de Doutorado - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

PESSAR, P. R.; MAHLER, S. J. Transnational migration: Bringing gender. **International Migration Review**, 37.3: p. 812-846. 2003.

PINTO, T. C. A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o Gosto Pela Casa e o Desgosto Pelo Bairro. **Sociedade e Território**, nº 20. Porto: Ed. Afrontamento, 1994. p. 36-43

PINTO, T. C.; GONÇALVES, A. Os bairros sociais vistos por si mesmos: imagens, conflitualidades e insegurança. **Cidades - Comunidades e Territórios. CET**. Lisboa. 1, p.101-111. 2000.

PISCITELLI, A.; ASSIS, G. de O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: PAGU/UNICAMP. 2011.

PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (orgs.). **Sexualidades e Saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

PISCITELLI, A. **Trânsitos: Brasileiras nos mercados transnacionais do sexo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

_____. “¿Actuar la brasileñidad? Tránsitos a partir del mercado del sexo”. **Revista Etnográfica**. Lisboa, v. 1, n.15, p.5-29. 2011.

_____. “Geografia política do afeto: interesse, “amor” e migração.” **I Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa**. Universidade Autônoma de Barcelona, p.14-22. 2010.

_____. “As fronteiras da transgressão: a demanda por brasileiras na indústria do sexo na Espanha”. **Revista Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1, p. 177-201. 2009.

_____. “Looking for new worlds: Brazilian women as international migrants.” **Signs, Chicago**, v. 33, p. 784-793. 2008a.

_____. Interseccionalidades, Categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Revista Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. p. 263-274. 2008b.

RODRIGUES, J. M. C. **Nós não somos todos iguais. Campo social de residência e estratégias de distinção num bairro de realojamento**. 1997. Dissertação de Mestrado. ISCTE. Lisboa.

SANSONE, L. As relações raciais em casa-grande e senzala revisitadas à luz do processo de internacionalização e globalização”. In: MAIO, M.C., SANTOS, R.V. (org.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz/Centro Cultural Banco do Brasil, 1996. p. 207-217.

SCHILLER, N. G.; SALAZAR, N. Regimes of Mobility Across the Globe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 39, n. 2, p.183-200. 2012.

SCHROOTEN, M. **Virtual migrant communities: ‘orkut’ and the brazilian case**. Bielefeld: COAD. Working Papers – Centre on Migration, Citizenship and Development; 80. 2010.

SCHUCH, P. **Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o "ficar" entre jovens universitários de Porto Alegre/RS**. 1998. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

SIMÕES, J.; FRANÇA, I. e MACEDO, M. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. **Cadernos Pagu**.Campinas-SP, . n. 35, p.37-78. 2010.

SIQUEIRA, S. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno**. Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argumentum Editora, 2009.

SOFIATI, F. M. **Religião e juventude**: os jovens carismáticos. 2009. Tese de doutorado em Sociologia. Universidade de São Paulo. São Paulo.

STRATHERN, M. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Editora da UNICAMP. (2006 [1988]).

TOGNI, P. C. **A Europa é o CACÉM**: Mobilidades, gênero e sexualidade nos deslocamentos de jovens brasileiros para Portugal. 2014. Tese de doutorado. ICS; ISCTE, Programa de pós-graduação em antropologia social. ICS, ISCTE. Lisboa.

_____. “Melhorar de vida” ou “Aproveitar a vida”? Jovens brasileiros migrantes numa periferia de Lisboa (Portugal)”. In: PADILHA, Beatriz *et al.* Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa. **Atas do 2o Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa**. Lisboa: ISCTE. 2012. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3874>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.

VALE DE ALMEIDA, M. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. 2 ed. Lisboa: Fim de Século, 2000.

_____. **Um Mar da Cor da Terra**: raça, cultura e política da identidade. Lisboa: Celta. 2000.

_____. Comentário. In: SANCHES M. R. (org). **Portugal não é um país pequeno**. Contar o “Império” na pós-colonialidade. Lisboa: Livros Cotovia, pp. 361-369. 2006. Disponível em <http://miguelvaledealmeida.net/wp-content/uploads/2008/06/07-portugal.pdf>

WANDERLEY, M. N. **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. Relatório de Pesquisa, UFRPE/CNPq. 2006.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, p.7-72. 2000.